

Ciências Políticas

Angola: Breve incursão histórico-política dos principais partidos políticos (FNLA; MPLA; UNITA)

Abel Franciso Cassule¹ e David Boio (orientação)

Resumo: O presente artigo tem como tema “Breve incursão histórico-política dos principais partidos políticos em Angola (FNLA; MPLA; UNITA)”, reflecte de forma sucinta, a trajetória dos principais partidos angolanos. A história política de Angola é vasta, mas a ausência de documentos escritos dificulta a sua abordagem objectiva. Portanto, desde este ponto de vista cingir-nos-emos essencialmente aos factos documentados pelos três maiores grupos nacionalistas que descrevemos no auge do trabalho, nomeadamente o MPLA, a UNITA e a FNLA, que protagonizaram a proclamação da independência unilateralmente em lugares diferentes.

Palavras-chaves:

MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola

FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

UNITA - União Nacional para Independência Total de Angola

Movimentos de Libertação

Partidos Políticos

Independência Nacional

Abstract: This article focuses on "Brief historical-political of the main political parties in Angola (FNLA, MPLA, UNITA)," reflected succinctly, the trajectory of the main Angolan liberty movement. The political history of Angola is vast, but the absence of written documents hinders its objective approach. Therefore, from this point of view we will stick mostly to the facts documented by the three largest nationalist movements that describe the height of the work, particularly the MPLA, UNITA and FNLA, who staged the proclamation of independence unilaterally in different places.

Keywords:

MPLA - Popular Movement for the Liberation of Angola

FNLA - National Liberation Front of Angola

UNITA - the National Union for Total Independence of Angola

¹ Estudante do 2º ano do curso de direito no ISPSN.

Movement for Liberation

Political Parties

National Independence.

Introdução

O presente artigo pretende responder às seguintes questões: a) Quais os factos e de que forma surgiram os principais partidos políticos de Angola? Como evoluíram de movimentos de libertação para se constituírem como partidos? Qual as suas actuais configurações e relevância política?

Relevância da pesquisa

Na conceituação erudita, política "a arte de conquistar, manter e exercer o poder, o governo", que é a noção dada por Nicolau Maquiavel, em *O Príncipe*. "Muitos imaginaram repúblicas ou principados que em realidade nunca foram vistos ou conhecidos, em política, há tanta distância entre como se vive e como se deveria viver". Dai que entendamos Partidos Políticos como pessoas jurídicas de direito privado. Têm por função garantir o sistema representativo por meio de seus candidatos que, por sua vez, são condicionados à filiação partidária para que sejam eleitos.

Kelsen, 1996, afirma que sem partidos políticos, a "Democracia" não é possível, uma vez que o pluralismo se exprime por meio de organizações estáveis, além do mais as democracias existentes são afinal, regimes de partidos.

CAPITULO I

Movimento Popular de Libertação de Angola

1.1 História

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) é um partido político de Angola, que governa o país desde sua independência de Portugal em 1975. Foi, inicialmente, um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se num partido político após a Guerra de Independência de 1961-74. Conquistou o poder em 1974/75, durante o processo de descolonização e saiu vencedor da Guerra Civil Angolana de 1975-2002, contra dois movimentos/partidos rivais, a UNITA e a FNLA²

O MPLA surgiu no fim dos anos 1950 da fusão de vários pequenos grupos anti-coloniais, inclusive da recentemente constituída célula de Luanda do Partido Comunista Português, iniciando a sua acção em 1961 entre os finais dos anos de 1950, princípios de 1960 agrupando as principais figuras do nacionalismo angolano, entre estudantes no

² www.wikipedia.org/wiki/Movimento_Popular_de_Libertação_de_Angola

exterior, sobretudo em Portugal - e lutadores contra o colonialismo que fugiam do interior de Angola³.

Dirigido por António Agostinho Neto, e tendo como secretário geral Viriato da Cruz, o MPLA organizou uma luta armada contra a dominação colonial de Angola por Portugal. Em 1961, Lúcio Lara torna-se o seu secretário-geral e o pivô da actividade organizacional e militar.

Durante o seu combate anti-colonial, o MPLA conheceu várias discordâncias importantes e até existenciais, a começar com a saída de Viriato de Cruz já em 1961. A crise mais grave deu-se no início dos anos 1970, quando o MPLA se dividiu em três "alas" praticamente autónomas - a "Revolta Activa", liderada por Mário de Andrade, e a "Revolta do Leste", liderada por Daniel Chipenda, ambas opostas a Agostinho Neto, e a "Ala Presidencial", fiel a Agostinho Neto. Esta dupla cisão foi superada em 1974, por uma conferência de unificação realizada na Zâmbia, mas levou à expulsão ou saída espontânea de uma série de elementos, e deixou profundas marcas.⁴

Terminada a luta de libertação, na sequência do 25 de Abril em Portugal, os três movimentos, (MPLA, FNLA e UNITA) iniciaram de imediato entre eles uma luta armada pelo poder, com a ajuda dos países que os apoiavam. Proclamaram separadamente a independência do país, sem que tivesse acontecido a pacificação interna. Deste conflito, o MPLA saiu como vencedor imediato.

Em 1977, o MPLA sofreu um sério abalo com uma nova dissidência, liderada por Nito Alves que tentou um golpe de estado contra a direcção do partido. Esta tentativa, oficialmente designada por Fraccionismo, faliu de imediato graças à intervenção de tropas cubanas presentes no país, levando posteriormente a uma purga sangrenta que custou a vida a milhares de pessoas.

Em 1992 Angola viveu as suas primeiras eleições, parlamentares e presidenciais. O MPLA ganhou as primeiras, mas nas últimas o seu candidato, José Eduardo dos Santos, não obteve a maioria absoluta requerida na primeira volta. A UNITA não aceitou estes resultados como correctos e válidos, desencadeando de imediato a Guerra Civil Angolana.

1.2 Transformações contemporâneas

Em 2002, como resultado dos acordos do Luena, foram criadas condições para as eleições seguintes, graças aos esforços e entendimento dos angolanos, que culminou no tratado da paz em 4 de Abril de 2002 entre os principais intervenientes da guerrilha, o Governo e a UNITA. Desde então foram realizados esforços no sentido de fazer o país seguir o curso normal que deve seguir um país com um sistema democrático, e repor com isto a regularidade.

³ Ibidem

⁴ PERES, Fátima Salvaterra, *A Revolta Ativa: Os conflitos identitários no contexto da luta de libertação (em Angola)*, dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2010.

As eleições realizaram-se, a 5 de Setembro de 2008 e decorreram num clima de tranquilidade e paz social, tendo sido consideradas livres e justas e um exemplo para os outros países africanos, entrando numa era de consolidação da sua democracia bem como da liberdade de expressão e manifestação dos seus cidadãos.

Nas eleições legislativas realizadas em 2008, o MPLA ganhou por maioria absoluta com cerca de 82% dos votos enquanto o seu mais directo oponente, a UNITA não foi além dos 10%. De uma maneira geral, não houve contestação aos resultados destas eleições. Entretanto, nas eleições de 2012 o MPLA desceu cerca de 10%, mantendo embora uma maioria qualificada, e confirmando deste modo José Eduardo dos Santos na Presidência da República.

CAPITULO II

União Nacional para a Independência Total de Angola

2.1 Jonas Malheiro Savimbi

Savimbi nasceu a 3 de Agosto de 1934, em Munhango, uma pequena localidade na província Moxico, de pais originários de Chilessso, na província Bié, pertencentes ao grupo Bieno da etnia Ovimbundu. O pai de Savimbi era funcionário do Caminho de Ferro de Benguela e também pastor da Igreja Evangélica Congregacional em Angola (IECA). Jonas Savimbi passou a sua juventude em Chilessso, onde frequentou o ensino primário e parte do ensino secundário em escolas da IECA. Como naquele tempo os diplomas das escolas protestantes não eram reconhecidos, repetiu a parte secundária no Huambo, numa escola católica mantida pela ordem dos Maristas. A seguir ganhou uma bolsa de estudos providenciada pela IECA nos Estados Unidos da América para concluir o ensino secundário e estudar medicina em Portugal. Em Lisboa concluiu de facto o ensino secundário, com a excepção da matéria "Organização Política Nacional", obrigatória durante o Salazarismo, não chegando por isso a iniciar os estudos universitários. Entretanto tinha tomado contacto com um grupo de estudantes angolanos que, em Lisboa, propagavam em segredo a descolonização e discutiam a fundação de uma organização de luta anticolonial. Perante a ameaça de uma repressão por parte da PIDE, a polícia política do regime, Jonas Savimbi refugiou-se na Suíça, valendo-se de contactos obtidos por intermédio da IECA que, inclusive, lhe conseguiu uma segunda bolsa. Como a Suíça reconheceu os seus estudos secundários como completos, iniciou os estudos em ciências sociais e políticas, em Lausana e Genebra, obtendo provavelmente um diploma nestas matérias. Savimbi aproveitou a sua estadia na Suíça para aperfeiçoar o seu domínio do inglês e do francês, línguas que chegou a falar fluentemente.⁵

2.2 Posicionamento na guerra anticolonial

No início dos anos 1960, Savimbi saiu da Suíça para juntar-se à Guerra de Independência de Angola, entretanto iniciada pela UPA (posteriormente FNLA) e pelo

⁵ www.wikipedia.org/.../União_Nacional_para_a_Independência_Total_de_Angola.

MPLA. Tentando primeiro, sem sucesso, obter uma posição de liderança no MPLA, ingressou a seguir na FNLA que operava a partir de Kinshasa e onde passou a fazer parte da direcção. Como a FNLA beneficiava na altura do apoio da China, Savimbi teve naquele país uma formação militar adaptada a condições de guerrilha. Logo a seguir saiu da FNLA para formar o seu próprio movimento, a UNITA. Este teve desde o início como principal base social os Ovimbundu, a etnia de origem de Savimbi, e a mais numerosa de Angola, em contraste com a FNLA, enraizada entre os Bakongo, e o MPLA cuja base original eram os Ambundu bem como boa parte dos "mestiços", e uma minoria da população portuguesa local, oposta ao regime colonial.

2.3 Formação da UNITA

Jonas Savimbi regressa as matas de Angola, em 1966, com a intenção de formar um movimento: a UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola).

Entra pelo interior angolano, depois de sete anos no estrangeiro. O primeiro congresso da organização foi realizado entre 11 a 13 de Março de 1966, em Muangai; Leste dos países, que marca a fundação da UNITA.

“Antes de chegar aqui, Savimbi completou um percurso que o levou a contactar movimentos, governos africanos e dirigentes nacionalistas angolanos e estrangeiros que combatiam o colonialismo”⁶. Com comandantes forjados numa academia chinesa. No congresso em Muangai, na província do Moxico, tentavam organizar-se, mas ainda sem declarar guerra as tropas coloniais Portuguesas.

O congresso realiza-se com a participação de 170 delegados em plena mata cerrada, “sem gala nem propaganda”, como descreve um dos fundadores do movimento, “José Samuel Chiwale”.

No congresso, que decorreu durante 2 dias e para a história do movimento, são registrados como fundadores e cofundadores, 18 dirigentes, entre comandantes, militares e militantes que se movimentavam no estrangeiro:

Jonas Malheiro Savimbi

João José Liahuca

Tony da Costa Fernandes

David Jonatão Chingunji (Samuimbila)

José Samuel Chiwale

Samuel Piedoso Chinguni (Cafundanga)

Miguel N´Zau Puna

⁶ FERNANDO, Emílio, *Jonas Savimbi no lodo errado da história*, Ed. D. Quixote, Lisboa, 2ª edição, pg.11, 2012.

Ernesto Joaquim Mulato

Alexandre Magno Chinguto

Pedro Paulino Moisés

José Kalundungu

Jacob Hóssi Inácio

Jeremias Kussia Nundu

Nicolau Biacho Tchiuca

Isaías Mussumba

Mateus Bundua

Samuel Chivava Muanangola

Tiago Sachilombo

“É aprovado um conjunto de documentos, divididos em cinco princípios gerais que definem a luta da UNITA; é interpretado o que seria a nova Angola independente; firmam-se os estatutos do movimento denominados de “Projeto dos conjurados do movimento de 13 de Março” que definia a matriz da UNITA; estabelecem-se em sete princípios ideológicos; expõe-se a estrutura dirigente e administrativa do movimento; traça-se no mapa do Leste de Angola as regiões militares e aéreas de expansão; e funda-se o embrião do que mais tarde viriam a ser as FALA (Forças Armadas de Libertação de Angola), o braço armado da UNITA”⁷.

Miguel N´Zau Puna assume desde já o cargo de secretário-geral e Samuel Chiwale, o Comandante-geral das futuras tropas q viriam a ser criadas.⁸

CAPITULO III

Frente Nacional de Libertação de Angola

3.1 História

A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) é um movimento político fundado em 1957 com o nome de União das Populações do Norte de Angola (UPNA), assumindo em 1958 o nome de União das Populações de Angola (UPA). Em 1961, a UPA e um outro grupo anticolonial, o Partido Democrático de Angola (PDA), constituíram conjuntamente a FNLA.

O FNLA foi um dos movimentos nacionalistas angolanos durante a guerra anticolonial de 1961 a 1974, juntamente com o MPLA e a UNITA. No processo de descolonização

⁷ FERNANDO, Emílio, *Jonas Savimbi no lodo errado da história*, Ed. D. Quixote, Lisboa, 2ª edição, pg.13, 2012.

⁸ *Ibidem*, pg.12,13.

de Angola, em 1974/1975, bem como na Guerra Civil Angolana de 1975 a 2002, combateu o MPLA ao lado da UNITA. Desde 1991 é um partido político cuja importância tem vindo a diminuir drasticamente, em função dos seus fracos resultados nas eleições legislativas de 1992, 2008 e 2012⁹.

A UPA/FNLA, enraizada principalmente entre os Bakongo mas com aderentes também entre os Ambundu e os Ovimbundu, iniciou a sua luta armada na região do norte de Angola em 15 de Março de 1961, nomeadamente no concelho do Uíge estendendo-se mais tarde para o sul, até à atual província do Bengo. Ela teve como retaguarda de luta o ex-Congo Belga, atual República Democrática do Congo, a seu tempo liderada pelo falecido General Mobutu Sese Seko que no quadro da sua política regional manteve boas relações com o líder da UPA/FNLA, Holden Roberto. Este apoio possibilitou a constituição em Léopoldville (hoje Kinshasa), imediatamente depois da formação da FNLA, do GRAE (Governo Revolucionário Angolano no Exílio), cujos vice-presidentes eram de proveniência Ambundu, e cujo secretário geral era Jonas Savimbi, Ocimbundu e posteriormente fundador da UNITA. O braço armado do GRAE era o ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola) cujos comandantes provinham de várias partes de Angola, inclusive de Cabinda. Nem o MPLA nem a FLEC quiseram participar do GRAE, o que viria a ser decisivo para a complexa e contraditória configuração da luta anticolonial em Angola.¹⁰

A luta armada desenvolvida pela FNLA contra a potência colonial teve fortes limitações. Apesar dos apoios por parte de Mobutu, mas também durante algum tempo da parte da China e da Roménia, o ELNA não conseguiu resistir ao contra-ataque militar português. Não teve a capacidade de manter o controle sobre qualquer parcela do território angolano, no Nordeste do país, embora tivesse marcado um mínimo de presença, sob a forma de atividades de guerrilha. Uma tentativa de abrir uma segunda frente no leste de Angola, não foi para além da constituição de um pequeno núcleo de guerrilha, ao Norte de Luena, cujas atividades foram mais simbólicas.

3.2 A descolonização

Quando a Revolução dos Cravos, realizado em Portugal em 25 de Abril de 1974, levou este país a declarar a sua intenção de apoiar ativamente o acesso das suas então colónias à independência, os três movimentos nacionalistas, no início cada um por si, lançaram quase de imediato tentativas de assegurar-se o controlo do país por meios militares. Dados os seus efectivos bem treinados e equipados, o ELNA parecia ter uma vantagem evidente nesta contenda. Penetrando em Angola pelo Nordeste, avançou com alguma facilidade até ao Norte de Luanda onde viu a seu caminho barrado na batalha de Kifangondo, por forças do MPLA apoiadas por um forte contingente de tropas cubanas. Abandonando o seu plano de chegar até Luanda, o ELNA despachou várias das suas unidades para o centro e o sul de Angola onde acabaram por concluir uma aliança com a UNITA. No dia 11 de Novembro de 1975, enquanto o MPLA declarava em Luanda a

⁹ www.wikipedia.org/wiki/Frente_Nacional_de_Libertação_de_Angola.

¹⁰ História do FNLA, Site da FNLA. Página visitada em 19 de Novembro de 2012.

independência do país, FNLA e UNITA fizeram o mesmo no Huambo onde constituíram um "contra-governo" que teve o apoio do então regime sul-africano do apartheid e dos EUA. Face à superioridade militar das forças cubanas e do MPLA, apoiadas pela União Soviética, a aliança FNLA & UNITA desfez-se no entanto rapidamente¹¹.

3.3 Período pós-colonial

Durante a primeira fase pós-colonial, a FNLA quase desapareceu da cena. Uma vez que o MPLA tinha instalado um regime monopartidário que, a partir de 1977, professava o marxismo-leninismo, outros movimentos ou partidos assim como a FNLA - não podiam, durante este período, ter uma existência legal em Angola. Por outro lado, e ao contrário da UNITA, a participação da FNLA na Guerra Civil foi muito fraca e acabou por deixar de existir. O movimento entrou numa fase de alteração, cujo indicador porventura mais forte foi o facto de Holden Roberto passar a residir em Paris durante muitos anos. Outro indicador forte foi a passagem para o lado do MPLA de alguns dos seus dirigentes, como Johnny Eduardo Pinock Eduardo e Henrique Vaal Neto que chegaram a fazer parte de um Governo de Reconciliação Nacional.

Quando, no fim dos anos 1980, o governo do MPLA anunciou a passagem de Angola para um sistema de democracia multipartidária, marcando primeiras eleições para 1992, a FNLA constituiu-se em partido político. Porém, os resultados do escrutínio foram-lhe extremamente desfavoráveis: nas eleições legislativas obteve 2.40%, e nas eleições presidenciais Holden Roberto obteve 2.11%. Estes resultados refletem a radical perda de credibilidade da FNLA mesmo entre os Bakongos onde, por sinal, se constituíram vários outros partidos que concorreram às eleições sem sucesso, diminuindo ainda mais o eleitorado da FNLA.

O conjunto destes desenvolvimentos levou à divisão do partido em duas alas, sendo um delas liderada pelo sociólogo Lucas Ngonda, professor da Universidade Agostinho Neto. A aproximação das segundas eleições legislativas em Angola, em 2008 levou a que as duas alas negociassem o reencontro que no entanto não se realizou, tendo Holden Roberto falecido em 2007.

Nas eleições de 2008 a FNLA obteve ainda menos votos do que em 1992, ficando-se pelos 1.11% e deixando de ser um actor político relevante. Entretanto, a liderança do partido continua a ser disputada ente Lucas Ngonda e um dos líderes históricos da FNLA, Ngola Kabango. Nas eleições de 2012, a percentagem dos votos foi sensivelmente a mesma, mas o partido perdeu mais um deputado, ficando reduzido a apenas 2 representantes na Assembleia Nacional.

¹¹ História do FNLA, Site da FNLA. Página visitada em 19 de Novembro de 2012.

Conclusão

Como sabemos, a história política de Angola é vasta. Mas a ausência de documentos escritos, torna-a muito restrita. Os partidos políticos angolanos surgem num momento de muita agitação global e sobretudo africana, marcados pela ânsia de independência que era o tema central da segunda guerra mundial e pela queda do regime de Salazar em Portugal, país colonizador de Angola. Antes da independência, esses partidos eram simplesmente movimentos de libertação passando à partidos políticos após a independência com a realização de eleição.

Portanto, devemos perceber que o controlo de Angola estava dividido pelos três maiores grupos nacionalistas que descrevemos no auge do trabalho, nomeadamente o MPLA, UNITA e FNLA, pelo que a independência foi proclamada unilateralmente, pelos três movimentos.

O MPLA que controlava a capital, Luanda, proclamou a Independência da República Popular de Angola no dia 11 de Novembro de 1975, pela voz de Agostinho Neto dizendo, "diante de África e do mundo proclamo a Independência de Angola", culminando assim o périplo independentista, iniciado no dia 4 de Fevereiro de 1961, com a luta de libertação nacional, estabelecendo o governo em Luanda com a Presidência entregue ao líder do movimento.

Holden Roberto, líder da FNLA, proclamava a Independência da República Popular e Democrática de Angola no dia 11 de Novembro, no Ambriz.

Nesse mesmo dia, a independência foi também proclamada em Nova Lisboa (Huambo), por Jonas Savimbi, líder da UNITA.

Logo depois da declaração da independência iniciou-se a Guerra Civil Angolana entre os três movimentos, uma vez que a FNLA e, sobretudo, a UNITA não se conformaram nem com a sua derrota militar nem com a sua exclusão do sistema político. Esta guerra durou até 2002 e terminou com a morte, em combate, do líder histórico da UNITA, Jonas Savimbi. Assumindo raramente o carácter de uma guerra "regular", ela consistiu no essencial de uma guerra de guerrilha que nos anos 1990 envolveu praticamente o país inteiro. Ela custou milhares de mortos e feridos e destruições de vulto em aldeias, cidades e infraestruturas (estradas, caminhos de ferro, pontes). Uma parte considerável da população rural, especialmente a do Planalto Central e de algumas regiões do Leste, fugiu para as cidades ou para outras regiões, inclusive países vizinhos.

No fim dos anos 1990, o MPLA decidiu abandonar a doutrina marxista-leninista e mudar o regime para um sistema de democracia multipartidária e uma economia de mercado. UNITA e FNLA aceitaram participar no regime novo e concorreram às primeiras eleições realizadas em Angola, em 1992, das quais o MPLA saiu como vencedor. Não aceitando os resultados destas eleições, a UNITA retomou de imediato a guerra, mas participou ao mesmo tempo no sistema político.

Logo a seguir a morte do seu líder histórico, a UNITA abandonou as armas, sendo os seus militares desmobilizados ou integrados nas Forças Armadas Angolanas. Tal como a FNLA, passou a concentrar-se na participação, como partido, no parlamento e outras instâncias políticas.

BIBLIOGRAFIA

COSME, Leonel, *A separação das águas (Angola 1975-1976)*, Porto, Campo das Letras, 2007.

MACHIAVELLI, Nicoló, *O Príncipe*, Guimarães Editores, 2ª Edição, Lisboa, 2009.

PASQUINO, Gianfranco, *Curso de Ciências Políticas*, Pincipia Editora, 1ª Edição, Lisboa 2005.

CARVALHO, Nogueira e, *Era tempo de morrer em África: Angola guerra e descolonização 1961-1975*, Lisboa: Prefácio, 2004.

CARDOSO, General Silva, *Angola, anatomia de uma tragédia*, Lisboa: Oficina do Livro, 2000.

CORREIA, Pedro Pezarat de, *Descolonização de Angola: joia da coroa do império português*, Lisboa: Inquérito, 1991

FERNANDO, Emílio, *Jonas Savimbi no lodo errado da história*, Ed. D. Quixote, Lisboa, 2ª edição, 2012.

PERES, Fátima, *A Revolta Ativa: Os conflitos identitários no contexto da luta de libertação (em Angola)*, dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2010

[História do FNLA](#), Site da FNLA. Página visitada em [19 de Novembro](#) de 2012.

[Www.wikipedia.org/wiki/Frente_Nacional_de_Libertação_de_Angola](http://www.wikipedia.org/wiki/Frente_Nacional_de_Libertação_de_Angola)

[Www.wikipedia.org/wiki/Movimento_Popular_de_Libertação_de_Angola](http://www.wikipedia.org/wiki/Movimento_Popular_de_Libertação_de_Angola),

[Www.wikipedia.org/União_Nacional_para_a_Independência_Total_de_Angola](http://www.wikipedia.org/União_Nacional_para_a_Independência_Total_de_Angola).